

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1966. Resenha de *Introdução às Línguas Indígenas*, de J. Mattoso Câmara Jr. (1965). *Estudos Lingüísticos: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 1, n. 2, p. 67-70.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1966_resenha

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para pesquisa e aprendizado.

Para o esclarecimento de possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material, ou para comunicar problemas com sua legibilidade (páginas defeituosas, etc.), entre em contato com os responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/index:contato>

O presente trabalho, parte da [Coleção Aryon Rodrigues](#), foi digitalizado e disponibilizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em julho de 2010.

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada
Centro de Lingüística Aplicada, São Paulo

Volume I

Dezembro de 1966

Número 2

Este livro reúne as aulas dadas no Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1960, num curso destinado sobretudo a estudantes de antropologia. São ao todo dez palestras de Mattoso Câmara Jr., às quais se seguem outras três de Sarah Gudschinsky, do Summer Institute of Linguistics (Brasil), sobre técnicas de pesquisa lingüística. Nas quatro primeiras palestras ("A língua e seu conceito", "A língua e seus sons", "A língua e suas formas" e "A língua como fato histórico"), com muita clareza e com a mesma segurança que caracteriza seus Princípios de Lingüística Geral, expõe Mattoso Câmara Jr. os fatos e as idéias mais importantes sobre a natureza das línguas, encaradas tanto em seu aspecto sincrônico, como em sua evolução histórica. A quinta palestra ("Em que se caracterizam as línguas indígenas"), sobre o que possa haver de distinto entre as línguas indígenas e as línguas ditas de civilização, constitui igualmente uma exposição lúcida, a qual, mostrando o que há de etnocêntrico nas apreciações vulgares e em muitos juízos técnicos sobre as línguas indígenas, completa as lições das palestras precedentes sobre a natureza geral das línguas. Fazendo ver que estas não diferem essen-

cialmente quando faladas por povos "primitivos" ou civilizados, prepara adequadamente o leitor para o exame da lingüística indígena.

Nas duas palestras imediatas ("Os estudos lingüísticos no passado: a tupinologia" e "Os estudos lingüísticos no passado: a pesquisa etnológica") Mattoso Câmara Jr. passa em revista, com espírito crítico, as principais contribuições para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras. Na primeira se concentra sobre os estudos de idiomas do grupo Tupi (particularmente Tupi-Guarani), que se iniciaram já no século XVI, e cuja predileção, em grande parte amadoresca, levou a falar-se numa "tupinologia". Com acerto põe em evidência a desproporção do interesse quase exclusivo pelo Tupi e a ignorância quase completa da grande quantidade de outros grupos lingüísticos, nos quais há muito trabalho a realizar. Insiste, porém, em suposta "disciplinização" ou "sistematização simplificada" do Tupi antigo ou Tupi-nambá por parte dos missionários, com um pretense objetivo de "aperfeiçoar" ou "melhorar" a língua indígena. Embora Mattoso Câmara Jr. esteja de acordo, nesse particular, com praticamente todos os que já opina-

Introdução às línguas indígenas brasileiras. Por J. Mattoso Câmara Jr. Com um suplemento sobre A técnica de pesquisa por Sarah Gudschinsky. 230 pp. Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1965.

Recenseado por Aryon D. Rodrigues, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

ram a êsse respeito, firmando uma convicção que vem desde o século passado, parece-me que a análise dos documentos pertinentes não autoriza essas suposições. As gramáticas dos padres Anchieta e Figueira representam esforços de descrição objetiva, aliás bastante bem sucedidos, da língua que falavam os índios, apesar das naturais deficiências quanto às técnicas de analisar e apresentar uma estrutura lingüística. Por outro lado, as profundas alterações que afetaram o Tupi a partir do fim do século XVII e que culminaram no que se passou a chamar "língua geral do Amazonas" ou Nheengatu, devem-se não a interferência direta e intencional de missionários, mas a uma série de fatos mais complexos, como a aculturação, o contacto com o português, a transformação em língua franca, etc. (Evidentemente, é necessário ordenar e publicar as evidências que se opõem àquela velha suposição da interferência intencional dos jesuítas na estrutura do Tupi, o que, entretanto, não pode ser feito no âmbito de uma resenha e deve ficar reservado para outra oportunidade).

Uma continuação dessa palestra é a seguinte (VII), dedicada justamente à apreciação das con-

tribuições, em sua maioria devidas a etnólogos, para o conhecimento das línguas de vários dos outros grupos lingüísticos brasileiros durante os últimos cem anos. Além de assinalar as contribuições de missionários e de pesquisadores brasileiros, como o Visconde de Taunay e o General Couto de Magalhães, aprecia particularmente a obra lingüística de Capistrano de Abreu (o brasileiro que até agora publicou a melhor documentação de uma língua indígena) e a dos etnólogos Karl Friedrich Philipp von Martius, Karl von den Steinen, Theodor Koch-Grünberg, Paul Ehrenreich e Curt Nimuendajú.

A oitava palestra ("Os estudos lingüísticos no presente") constitui uma apreciação dos estudos em andamento na época em que se dava o curso no Museu Nacional, isto é, há cinco anos atrás.

Para abordar o problema da classificação das línguas indígenas — assunto da nona palestra —, historia Mattoso Câmara Jr., em breves palavras, o desenvolvimento das classificações lingüísticas, a partir do século XVIII. Assinala, então, os desvios verificados nas tentativas de classificação das línguas brasileiras com referência ao método histórico-comparativo desenvolvido pelos indo-europeístas. Esses desvios, a que chama heterodoxias, consistem em (a) terem-se baseado as comparações predominantemente no vocabulário, e

não nos sistemas sonoros e gramaticais das línguas; e (b) pouco se haverem preocupado com a verificação de "leis" fonéticas. Salientando que do esforço classificatório empreendido resultou a identificação de "quatro grandes famílias de línguas no Brasil: Tupí, Jê, Aruák e Karíb", examina o que lhe parece constituir os principais problemas classificatórios ainda abertos: (a) o das línguas "que ficaram fora das quatro grandes famílias", (b) o das línguas que, em cada família, se acham em situação duvidosa, e (c) o das possíveis relações entre as quatro famílias. A palestra é encerrada com considerações sobre as classificações mais atuais, especialmente as de Paul Rivet, Wilhelm Schmidt, Chestmír Loukotka, Joseph Alden Mason e Joseph Greenberg. (É omitida a de Maurício Swadesh, publicada em 1959, que certamente ainda não tinha chegado ao conhecimento de Mattoso Câmara Jr.).

Em sua última palestra considera Mattoso Câmara Jr. a possibilidade da aplicação às línguas indígenas brasileiras do método da reconstrução lingüística, inclusive a "reconstrução interna", do método glotocronológico de Swadesh e de várias modalidades de classificação tipológica. Nessa palestra, como nas precedentes, acentua a imperiosa e urgente necessidade de estudos descritivos das línguas brasileiras, "a tarefa de maior prioridade na lingüística indígena brasileira".

Sarah Gudschinsky, em sua primeira palestra, faz uma exposição clara sobre a mudança lingüística e dá uma demonstração do emprêgo do método comparativo e reconstrutivo, servindo-se de dialetos do Mazateco, por ela estudados no México (cf. seu artigo em *Language* 34.4 (1958), "Mazatec dialect history"). Na segunda palestra, depois de considerar os porquês do estudo das línguas indígenas — entre os quais põe com acêrto em primeiro lugar "o conhecimento do homem sobre si mesmo" (omite, entretanto, as razões práticas, como a de facultar melhor assistência aos povos indígenas) — e de dizer o que é necessário para êsse estudo, passa a dar uma idéia da organização estrutural da língua (segundo o modelo de Pike) e uma introdução à fonética articulatória. A isto se segue, na terceira palestra, uma demonstração do procedimento da análise fonêmica, com aplicação à língua dos índios Bororo e, para os fonemas supra-segmentais, também a algumas outras línguas indígenas. A palestra é concluída com breve amostra de análise tagmêmica, com dados da língua Popolucá, aproveitados do manual de Elson e Pickett, *Beginning Morphology-Syntax* (1960). A última palestra da dra. Gudschinsky não foi incluída no livro: neste se informa, apenas, que foi uma demonstração do trabalho de campo com um informante.

O volume é completado com uma bibliografia das obras cita-

das pelos dois autores e três índices: de assuntos, de autôres e de nomes tribais.

Creio que esta sùmula de seu conteúdo deixa claro que Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras é obra de grande valia não só para os poucos que estejam interessados em penetrar no campo fascinante das línguas dos índios, mas também para os muitos que se interessam pela lingüística em geral e que, para sua formação, necessitam de travar conhecimento com problemas como os que aí são expostos por um lingüista eminente e ilustrados por uma especialista de larga experiência.

Justamente à intenção dos que vão servir-se dêste livro como uma introdução, indico aqui alguns enganos e outros lapsos, que não afetam o valor da obra, mas que poderiam confundir algum iniciante. À p. 132, é feita referência "à pesquisadora", quando devia ser "ao pesquisador", pois se trata do Dr. Emil Heinrich Snethlage, etnólogo alemão que observou alguns grupos indígenas no Nordeste brasileiro e outros na região do Guaporé, e registrou vocabulários das respectivas línguas; o engano de certo se deve à semelhança de nomes entre Emil Heinrich e sua tia, a Dra. Emilie Snethlage, naturalista que trabalhou no Baixo Amazonas e que registrou, também, alguns vocabulários de línguas indígenas. À p. 147 está dito que "o Aruák e o Karíb são línguas que pre-

dominam na América Central e de lá alcançaram o Brasil", o que não corresponde à realidade no que diz respeito à América Central; as línguas dos grupos Aruák e Karíb predominam, sim, no norte da América do Sul, as últimas mais pròpriamente no noroeste. À p. 152, com referência à classificação de Joseph Greenberg, informa-se que "deverá sair nas Atas do Congresso Internacional de Americanistas" (de 1956); trata-se de equívoco não de Mattoso Câmara, mas de Steward e Faron, em cuja obra *Native Peoples of South America* (1959) foi dada essa informação (p. 22); a classificação de Greenberg, sob o título "The general classification of Central and South American languages", foi apresentada ao V Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, realizado em 1958, e foi publicada às páginas 791-794 das respectivas atas, editadas em 1960: *Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences* (uma parte da edição teve o título *Men and Cultures*), University of Pennsylvania Press, Philadelphia. À p. 154, a propósito da classificação de Paul Rivet, diz-se: "...Chestmir Loukotka, que na 2a. edição de *Les Langues du Monde* (1952) deu uma versão bastante revista do trabalho (Rivet tinha falecido pouco antes)". Também aí há um engano, já que Rivet veio a falecer somente em 1958; a revisão de

sua classificação, em 1952, é devida, portanto, não apenas a Loukotka (que faleceu no corrente ano), mas ao próprio Rivet.

À p. 169, tratando-se de classificações tipológicas, exemplifica-se: "É assim que o português se distingue tipologicamente do italiano pela ausência de consoantes geminadas, do francês pela presença de paroxítonos e proparoxítonos e de /r/ e /s/ finais, do espanhol por..." Há evidente engano quanto à inclusão de /r/ e /s/ finais como fatores distintivos entre o português e o francês — pelo menos na maneira sumária em que aí está. O francês apresenta /r/ e /s/ finais quase sem nenhuma restrição: /finis/ "acabe", /astüs/ "astúcia", /mus/ "espuma", /pares/ "preguiça", /os/ "osso", /atlas/ "atlas", /pæs/ "pinça", /päs/ "pensa", /pir/ "pior", /pür/ "puro", /pur/ "para", /per/ "par", /por/ "pôrto", /par/ "por".

Adiante, alguns lapsos menores, em sua maioria de natureza gráfica: p. 20: "Daí a tremenda ilusão de são..." por "...de que são..."; p. 26: "E a depressão dos sons..." por "...depreensão dos sons..."; p. 52: "Temos, em primeiro lugar, numa forma..." por "...uma forma..."; p. 84: "Weisgerben"; por "Weisgerber"; p. 114: "Frei Antonio Jaconi" por "Padre Antonio Giacone"; p. 135: "...e possuída nos nomes..." por "...e possuidor nos nomes";

p. 140: "Mitridades" por "Mitridates"; p. 155: "John Stewart" por "Julian Stewart"; p. 155: "phyllum" por "phylum"; p. 156: "...com elementos disponíveis" por "...com os elementos..."; p. 177 (na coluna do espanhol): "jogar" por "jugar", "joia" por "joya", "hablar" por "hacer", "hacer" por "hablar"; p. 181: "**tʏnʏa" por "**tʏnʏa"; p. 183: "ts'/ts_r/t_r/t'" por "ts_i'/ts_i'/t/t"; p. 193: "...na cláusula" por "...na oração"; p. 195: acrescenta-se no quadro, sob a palavra anho e na altura de lápis, a palavra alho; p. 196: "...fricativa lateral" por "fricativa lateral"; p. 200: "...como em grupos acentuais ou in-

tonação" por "...ou na intonação"; p. 203: "[], [k] e [g], [ts'] e [d_r]" por "[d], [k] e [g], [ts'] e [dz']"; p. 204: faltam os significados de koda, ko^dz'a, kēga; p. 205: falta, no quadro de fonemas do Bororo, r, que deve ser incluído sob o n, e, como foi feito no quadro dos sons (p. 202), é conveniente acrescentar "etc." sob as vogais i u; p. 205: "dz'o'ridi" por "dz'o'ridi"; p. 205: "...aprender" (di" por "...aprender" (dē"; p. 208: "O morfema como sentido..." por "...com o sentido..."; p. 210: "...no nível clausal" por "no nível oracional"; p. 214: "Darstellung Funktion" por "Darstellungsfunktion"; p. 214: "Melanges"

por "Mélanges"; p. 215: "Verhandeligen der Koninklike Akademie van Wetenshappen" por "Verhandelingen der Koninklike Akademie van Wetenschappen"; p. 215: "Linguistic Structures" por "Introduction to Linguistic Structures"; p. 216: "A Course in Linguistics" por "A Course in Modern Linguistics"; p. 216: "Jaconi, Frei Antonio" por "Giacone, Pe. Antonio"; p. 217: "Krause, Fr. Albert" por "Kruse, Fr. Albert"; p. 218: "Do Método do Estudo..." por "Do Método no Estudo..."; p. 219: "Durch Zentral-Brasiliens" por "Durch Central-Brasilien"; p. 219: "Native People..." por "Native Peoples..."